“The Walking Dead: estudo sobre o significado da série e sua relação com a sociedade ocidental contemporânea”

Camila Nogueira de Sá Boaventura
capsico1@hotmail.com

Resumo: O presente estudo se originou de uma dissertação de mestrado em processo de construção e teve por problema central investigar o significado simbólico do seriado The Walking Dead e sua relação com a sociedade contemporânea para alguns de seus telespectadores. No presente estudo, pensou-se que a enorme repercussão desta temática nas variadas formas midiáticas são expressões da cultura de massa, própria da sociedade globalizada. Porém, tomando-se por norte as características da contemporaneidade torna-se possível pensar haver um significado presente em tal tema, visto que a arte pode ser entendida como uma forma de mediar expressões do sujeito e sua relação com a sociedade, bem como através do meio cultural serem mediados relações entre instituições e mercado. Dessa forma, este se deu através de pesquisa básica, qualitativa quanto à abordagem do problema e exploratória. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados fontes bibliográficas pertinentes ao tema e entrevistas semiestruturadas, sendo o aporte teórico utilizado a Teoria Cultural e Psicanálise. Resultados preliminares apontam para uma correlação estreita entre o sentido simbólico apresentado no seriado e a vida contemporânea. Imprevisibilidade, caos e individualismo foram ressaltados como operadores nas duas esferas: no simbólico do seriado e na sociedade ocidental contemporânea.

Palavras-chave: The Walking Dead, simbologia, contemporaneidade**.**

Abstract: This study originated from a master's thesis on the construction process and had the central problem investigate the symbolic meaning of The Walking Dead series and its relationship to contemporary society for some of its viewers. In this study, it was thought that the enormous impact of this issue in various media forms are expressions of mass culture, own the globalized society. However, taking as north the contemporary characteristics becomes possible to think there is a present meaning in this theme, since art can be understood as a way to mediate expression of the subject and its relationship to society, and by cultural environment are mediated relationships between institutions and markets. Thus, this was through basic, qualitative as to the problem and exploratory research approach. It was used as data collection instrument bibliographic sources about the theme and semi-structured interviews, and the theoretical approach to cultural Theory and Psychoanalysis. Preliminary results indicate a close correlation between the symbolic meaning presented on the show and contemporary life. Unpredictability, chaos and individualism were highlighted as operators in two spheres: the symbolic of the show and in contemporary Western society.

Keywords: The Walking Dead, symbolism, contemporary.

Introdução

Produções culturais em suas formas diversas acompanham a humanidade, propondo-se a, em linhas gerais, contar algo do humano para o humano. É assim que festas, jogos coletivos, literatura, produções e apresentações artísticas, teatro, filmes, séries televisivas, manifestações religiosas, entre outros produtos simbólicos, permitem aos que olham atentamente descobrir algo sobre o desenvolvimento humano e social de sociedades especificas.

Willians (1979) traz o conceito de "mediação" para descrever o processo relacional entre sociedade e arte. Através deste processo não encontraríamos sempre realidades sociais diretamente demonstradas na arte, sendo estas alteradas pelo processo de mediação, disfarçando de certa forma o conteúdo a ser expresso.

Dessa forma, a busca por compreender produções culturais requer que seja considerado tanto o caráter do contexto social quanto o aspecto mediador das manifestações artísticas.

Para o sociólogo Giddens (1997) a sociedade do momento presente seria definida como "pós-tradicional". Tal nomenclatura se baseia em duas esferas de transformações interligadas, oriundas do início da modernidade e intensificadas atualmente: a difusão de instituições modernas, universalizadas por meio da globalização e as mudanças intencionais decorridas desta primeira, sendo estas interligadas à descontinuidade das tradições.

A tecnologia aboliu os processos que envolviam rituais e tradições, sendo o papel destas últimas deveras significativo como meio moralizador e afetivo na união de seus participantes por envolver memória e tempo, repetição do ritual (na fabricação de algum produto, plantação, dentre outros). (GIDDENS, 1991)

Nesta ótica se acentua segundo Giddens (1991), o processo denominado por ele como "reflexividade", aspecto de se manter contatado às bases do que se faz como parte do próprio fazer. Diante da modernidade, a reflexividade assumiria um viés diferente, sendo as práticas sociais constantemente influenciadas pela informação renovada delas mesmas o que as faz ter seu caráter alterado constantemente. A relação entre decisões cotidianas e resultados globais, e também seu contrário, compõem aspectos que interferem na realidade contemporânea (GIDDENS, 1997, p.75).

Diante de tal cenário guiado pela lógica do mercado global, a presença da mídia se concretiza e fortalece diariamente, retroalimentando-se de novas formas de exploração deste universo.

Apresenta-se como exemplo, a chamada convergência e os objetos transmídia. O primeiro se refere à conversão propriamente dita de conteúdos em diversidades de

tecnologias. Torna-se possível assistir um filme, propaganda ou acessar ao facebook através de um computador, celular, tablet, entre outros. No que se refere às narrativas transmídia, esta compõe uma nova estética em que uma história desenrola-se através de múltiplas plataformas nas quais a história pode ser introduzida em um filme e se estender para a televisão, livros, quadrinhos e outras possibilidades. Cada produto é um ponto de acesso à estória, não há necessidade de contato ou entendimento prévio como o outro tipo de mídia, o que aumentaria a possibilidade de lucro via tais materiais. (TELES, 2013) Soma-se aos suportes midiáticos que comportam o mesmo tema, segundo Saroldi (2014) a durabilidade incerta dos produtos e as franquias de seriados exibidos em diversas temporadas, cuja finalidade sem dúvida seria ter a lucratividade aumentada.

A fim de encerrar esta sessão, considera-se o ressaltado por Abeche (2013, p.160) de que os meios de comunicação contribuíram decisivamente para a construção da subjetividade dos seres humanos desde o início da idade moderna. Assim o fizeram em sintonia com o surgimento e consolidação da sociedade capitalista, estes se desenvolveram de forma espantosa, sendo impossível pensar o mundo contemporâneo sem levar em conta o papel da mídia.

O produto cultural *The Walking Dead*

No ano de 2003 foi criada nos Estados Unidos da América (E.U.A.) a série em quadrinhos denominada "*The Walking Dead*" (T.W.D.). De forma *mui* sucinta pode-se considerar que esta versava sobre o dia Z, ou seja, o dia em que os mortos são chamados à vida novamente e saem em busca de carne humana para saciarem sua fome (DANA, 2014).

Em 2010 as estórias se transformaram em séries televisivas, atingindo audiências extremas tanto nos E.U.A. quanto no Brasil. Hoje, após a quinta temporada na televisão, os fãs de T.W.D. possuem grupos e comunidades na internet, twitter, facebook.

Nobre e Inocêncio (2012) atentam para o fato de que em 2011, T.W.D. já era uma série de sucesso consolidada, adquirindo o respeito entre os críticos (o seriado foi aclamado por sua dramaticidade, direção de fotografia e produção de figurino e maquiagem, além das atuações do elenco). Somado a este dado informaram que a primeira temporada foi assistida por mais de 200 milhões de pessoas em todo o mundo, transmitida em 122 países e 35 idiomas.

Como já citado, a trama delineia-se ao contar como é a vida na Terra após o apocalipse zumbi e diante desta realidade, os poucos sobreviventes se unem para encontrar um lar longe

da ameaça. No grupo há um líder (Rick Grimes), policial que na primeira temporada acorda só em um hospital após toda transformação, e a partir daí busca pela esposa (Lori) e seu filho. Se junta a outros parceiros também assustados na tentativa de escapar da "praga".

Ademais, conforme menciona Felipe (2014) lutam diariamente pela sobrevivência em um mundo cheio de criaturas aterrorizantes e indivíduos psicologicamente afetados pelo trágico acontecimento, além da escassez de subsídios vitais (como água, comida e medicamentos). Para o autor o universo fictício da série em questão se desponta como sucesso da denominada era da convergência, no sentido de angariar milhares de fãs por todo planeta.

Porém, nada impede que haja o questionamento da razão pela qual a temática alçou receptividade e quais aspectos simbólicos estariam nela mediados.

A dimensão simbólica do humano

Sedgwick e Edgar (2003) ao definirem símbolo referem haver nesta palavra uma diversidade de significados. "Símbolos impregnam a vida humana e são usados tanto numa ampla gama de discursos especializados quanto na vida cotidiana" (p.306). Evocados para referir a um signo que transmitirá um significado a alguém em virtude de normas e convenções partilhadas, ou seja, um símbolo comunica devido ao fato de significar algo.

Tomando por base os discursos especializados, em psicanálise o simbólico segundo Laplanche e Pontalis (1998, p.480) em sua forma substantiva foi um termo introduzido por Lacan em meio ao fato deste diferir três formas de registros ou campos psíquicos: simbólico, imaginário e real. A psicanálise se ocupa de fenômenos simbólicos por estes se estruturarem como linguagem. No campo imaginário há a preponderância da relação com a imagem do semelhante (p.233- 234). Haveriam estes três tipos de registros psíquicos interligados e articulados. O imaginário (I) é o engano, visto que envolve a identificação com a imagem, o simbólico (S) registra a linguagem e suas funções e o real (R) registra o inapreensível, fora da realidade criada pelos outros dois registros, que escapa a seus inscritos. (CAVALCANTI, 2006, p.12).

Ao ser considerado o ser humano e sua relação com o simbólico deve-se ter em mente o início deste processo na vida do indivíduo, ou seja, seu nascimento.

Duvidovich (2004) destaca que o bebê com sua precária condição embrionária prematura é violentamente jogado ao mundo simbólico. Como destaca Dunker (2006) isso ocorre porque ao nascer ainda não completou a formação de seu sistema neurológico

perceptivo, não se reconhece como indivíduo. Nasce dependente por não poder prover recursos à sua sobrevivência, em um universo cercado de símbolos já instituídos.

Para que sobreviva deverá contar com o aparelho psíquico da mãe a fim de que aos poucos constitua um próprio. O psiquismo desta tem função mediadora através de seus cuidados, base para a sobrevivência e constituição do sujeito que irá suplantando assim seu desamparo original. (BIRMAN, 2009)

Primeiramente a criança mantém relação espelhada como os adultos, sincronizada a seus gestos e movimentos. Por volta de 6 a 18 meses começa a estranhar desconhecidos (DUNKER, 2006; SPITZ, 1998), tem pesadelos e inquietações com seu corpo. Este seria o estágio do espelho, em que se assume a imagem de si, formação imaginária. Iniciam-se fases de teimosia e birras o que na verdade indica o eu opondo-se ao eu do outro. Percebe que entre seu querer e o deste outro está o amor, começa a trocar, negociar, aceitar dar e receber: "Isso modifica a relação imaginária com os objetos; agora é necessário ter algo para ser amado e ser algo para obter amor de alguém. Esse algo é de natureza intrigantemente simbólica [...]" (DUNKER, 2006, p. 20).

Todas essas características psíquicas se dão primordialmente em função de quem cumpre a função materna. Ao descobrir que a mãe não o tem como único objeto de interesse novos atos psíquicos são acrescentados.

Se a mãe precisa de outros então não é autossuficiente e se lhe faltam coisas, ele próprio não é o algo que falta a mãe, que a completa. O terceiro elemento entra em cena, este pode ser o pai. A função do terceiro entre a relação inicial dual é algo de suma importância para estruturação do sujeito em formação, pois este possui uma função simbólica que permite ao indivíduo internalizar leis (que por sua vez também são estatutos simbólicos).

O simbólico do humano o constitui como tal, pois com o advir do campo da linguagem e internalização de leis torna-se possível conviver em grupos, partilhar de regras, leis e costumes que se fazem presente nas organizações culturais.

Nesta esfera, estudos antropológicos podem ser citados à guisa de exemplificação. Ao fazer um trabalho etnográfico em uma aldeia balinesa, Geertz (1989) se depara com a tradição mantida no local, denominada: "briga de galos". Após analisar os vários aspectos envolvidos na atividade que engloba inclusive apostas em dinheiro, considera que o que a torna absorvente não é o dinheiro em si, mas o ato simbólico que este representa: a hierarquia social, o status, naquele instante tais aspectos são migrados para o corpo da briga. Psicologicamente representante do ideal e do demoníaco, narcisismo masculino (o galo

representa o “pênis” de seu dono), sociologicamente representa a tensão controlada e sentida no cotidiano das diferenças sociais.

Levi-Strauss (2003, p.228) em seu célebre trabalho sobre “A eficácia simbólica”, ao estudar comunidades indígenas e acompanhar rituais de curas xamânicas constata que “[...] a mitologia do xamã não corresponda a uma realidade objetiva, não tem importância: a doente acredita nela, e ela é membro de uma sociedade que acredita”. Para ele, a cura xamanística seria equivalente da cura psicanalítica, mas com uma inversão de termos. Provocam uma experiência reconstituindo um mito que o doente deve viver, ou reviver. No caso psicanalítico o indivíduo constrói seu mito com elementos tirados de seu passado; no xamanismo há um mito social advindo do exterior.

Diante do destacado em tais estudos torna-se pertinente para término desta parte e gancho de reflexão para o item subsequente a consideração de Teixeira (2013, p.13) de que “diferentes épocas e lugares privilegiam certas fantasias, ainda que, para cada sujeito, elas possuam um sentido singular”.

Assim sendo, cabe a estudiosos interessados em ciências humanas o esforço em apreendê-los em seus sentidos singulares e compartilhados socialmente ainda que se expressos via produtos midiáticos e de entretenimento como é o caso do seriado T.W.D.

Método

Esta pesquisa, quanto aos objetivos se se caracterizou como exploratória, com abordagem qualitativa do problema. Quanto à sua natureza, ela se classifica como uma pesquisa básica.

O perfil dos participantes foram telespectadores que acompanham o seriado T. W. D., brasileiros, de ambos os sexos, maiores de 18 anos e residentes nas cidades de São Paulo- SP ou São José dos Campos- SP, por tais municípios se caracterizarem como grandes centros urbanos. Optou-se pela composição de seis participantes, considerando-se um número que forneceria base suficiente para discussão do material e ampliação da discussão em tempo hábil, dada a natureza exploratória da pesquisa e o prazo de encerramento do trabalho. Visto que os objetivos desta se cunharam em dados qualitativos de investigação e conhecimento sobre o sentido atribuído à série por alguns dos que por ela se atraem, tal delimitação se tornou válida.

O instrumento para coleta de dados foi a pesquisa bibliográfica e a entrevista semiestruturada, que conforme Manzini (2001) se caracteriza por apresentar questionamentos básicos, apoiados em teorias relativas ao tema da pesquisa e tendo o foco principal vindo

através do investigador-entrevistador. Esta última conteve sete eixos abordados pela pesquisadora.

Análise de dados e discussão

Eixo 1: Sobre o participante: rotina, lazer e entretenimento.

Todos participantes direta ou indiretamente informaram trabalhar e esta ser sua maior ocupação semanal.

Dentre as atividades de lazer e entretenimento questionadas foram incluídas a prática de assistirem a seriados, porém com variações na forma de fazê-lo.

Para Giddens (1997) as relações com o espaço foram alteradas na vida moderna. Nas sociedades pré-modernas espaço e tempo se encontravam interligados na medida em que as atividades das pessoas exigiam sua presença, algo prescindível nos dias vigentes. Surge a possibilidade de relações entre pessoas localmente distantes e os locais sofrem influência de outros distantes.

Dessa maneira, mesmo todos participantes sendo brasileiros, acompanhavam seriados americanos informando-se sobre os mesmos via internet.

Quanto às demais formas de lazer e entretenimento citadas, torna-se pertinente atentar ao fato de que espontaneamente os participantes mencionaram ou inserirem as práticas de atividade física em sua rotina ou fazê-las quando em tempo livre. Um dos que não o faz se auto intitula como “sedentário”, indicando algo com o que deveria se preocupar por não fazer. Apenas um participante não fez menção ao assunto.

Tal temática (atividade física- corpo) foi incluída espontaneamente nas falas, demonstrando algo presente na vida dos participantes, senão em prática em reflexão a este respeito:

> [...] gosto muito de esporte, praticar, de assistir. (P.6)

> Eu faço esportes, pelo menos duas ou três vezes por semana [...] (P 3)

> [...] não me motiva ir em academia, nada nesse sentido e... .[...] Apesar de morar muito perto do escritório, eu não vou a pé, vou de carro, tenho uma vida bem sedentária, nesse aspecto, muito sedentária. E para ganhar qualidade de vida eu administro com boa refeição, boa alimentação. Então, isso aí, eu vou no acompanhamento nutricional... [...] (P 6)

Tais menções corroboram reflexões sobre o quanto o corpo se tornou presente no cotidiano contemporâneo. Santaella (2004, p. 140) discorre em seu trabalho atentando que o corpo está em todos os lugares "[...] Comentado, transfigurado, pesquisado, dissecado na filosofia, no pensamento feminista, nos estudos culturais, nas ciências naturais e sociais, nas artes e literatura." Para ela o corpo se tornou o sintoma dos dias atuais em suas formas de exploração visual e também de adoecimentos.

Diante de tal, intriga eclodirem produtos que exibem corpos putrificados e em decomposição como é o caso do seriado em questão e da figura do zumbi. Para Corso (2013) perante o pedido de enorme cuidado com o corpo que deve ser modelado, malhado, adequado a padrões exigentes, nesta figura estaria "mediado" conforme propõe Willians (1979) um protesto contra vaidade excessiva e culto a saúde visto o sustentado por Rodrigues (2011), para quem o corpo sempre foi suporte para práticas sociais e o tratamento que lhe é dado reflete a manifestação de modos de subjetivação próprios a cada contexto sócio histórico em que ocorre.

Eixo 2: Histórico da prática de assistir T.W.D.

A forma prioritária de assistir ao seriado foi a internet, sendo utilizados ou não pen-drives que posteriormente eram plugados em aparelhos televisivos. Apenas um dos participantes seguia a série em canal fechado que requeria assinatura por parte do espectador.

A crítica positiva, indicação via propagandas em sites de seriados e de familiares e parceiros foram as formas de conhecerem o seriado antes de o assistirem pela primeira vez, acionando a motivação inicial. Assim, um dos entrevistados disse:

> Olha, eu sigo alguns sites de notícias sobre seriados, então, assim, quando começam a produzir um seriado, eu vou lendo sobre para ver que tipo de... do que se trata, do que ele vai falar, então eu fico meio acompanhado. Então, quando eu ouvi falar dela, acho que a primeira série de zumbi que eu me lembre é ela, né. E fiquei bastante interessado. (P2)

A este respeito para Teles (2013) o seriado T.W.D. se enquadra como um produto da era da convergência e ao mesmo tempo como uma narrativa transmidiática. No paradigma da convergência, novas e antigas mídias se interligam de formas cada vez mais complexas, intercruzando formas de acessar conteúdos, que fluem por vários outros canais. Para tal processo ocorrer é necessária a participação ativa dos consumidores, caso observado entre a

maioria dos participantes das entrevistas, visto que os mesmos localizam o material a ser assistido via sites de internet. (TELES, 2013)

Outro dado que trouxe interesse foi pensar nas razões pelas quais tal prática foi considerada como “viciante” pelos participantes, sendo este termo utilizado por vários deles ou inferido por eles na medida em que expressam “não conseguirem parar” de assistir:

> Então, é um vício, porque ele mexe muito com a falta de controle que você não tem de nada. Então, o caos, o imprevisível. E o que eu gosto muito do 'The Walking Dead' é o seguinte, ele chega no limite da fadiga e depois ele cria uma nova fadiga, ele chega no limite do caos... (P 6)

Cabe o questionamento do por que o sentimento expresso pelos participantes se associa a algo que remete a uma compulsão ou vício, por qual razão pode ser considerado desta forma, que tipo de envolvimento os telespectadores revelam ao se valerem de tal termo?

Giddens (1997) considera que uma das características da sociedade atual é que esta apresenta a tendência à compulsão. Para o mesmo, o capitalista foi preparado para repetição de forma compulsiva, ou seja, haveria uma inclinação emocional para a repetição por parte dos indivíduos da modernidade. (GIDDENS, 1997)

> “[...] Embora as conexões necessitem ser expressas com maiores detalhes, assim como em relação a Freud estamos nos referindo aqui a uma *inclinação emocional para a repetição*[1], que é em grande parte inconsciente ou pouco compreendida pelo indivíduo em questão. O passado continua vivo, mas em vez de ser reconstruído de modo ativo de acordo com a tradição, tende a dominar a ação quase de um modo semicausal. A compulsividade, quando socialmente generalizada, é, na verdade, *tradição sem tradicionalismo:* repetição que se põe no caminho da autonomia, em vez de estimulá-la.
> Freud falou de obsessão ou compulsão; hoje em dia, falamos mais comumente de vícios”. (GIDDENS, 1997, p. 89)

Em 1920, Freud escreve um estudo denominado “Além do Princípio do Prazer”, trabalho em que redireciona a predominância do princípio o prazer no aparelho psíquico, até então defendida por ele. Conforme Garcia-Rosa (1996) a dominância do princípio do prazer vem a ser questionada e aceita apenas como tendência. (GARCIA-ROZA, 1996, p.133)

Retomando Freud ([1920] 1996) este se depara com casos em que haveria uma “compulsão à repetição”, algo que remonta ao que foi ocorrido em outros tempos que não trouxe prazer de forma alguma, repetindo-se sobre a pressão de uma compulsão. Esta “sobrepuja o princípio do prazer” (p. 32) e se expressa no comportamento, na transferência, histórias de vidas, brincadeiras infantis e sonhos traumáticos. Em linhas gerais, o que vem a concluir o autor é que a compulsão a repetição comporta algo do princípio de prazer que ela

[1] Grifos do autor.

domina, porém seria oriundo de algo mais primitivo, mais pulsional. A tal denominou pulsão de morte.

Quando em contato com experiências traumáticas, ou seja, que rompem a barreira de estímulos externos que protege o psíquico, o funcionamento energético do organismo é alterado e todos os mecanismos defensivos dos quais dispõe são evocados. O que vem em seguida, é que o mecanismo do princípio de prazer se torna momentaneamente fora de ação. Porém, tais excessos de estímulos de cunho traumático podem advir do externo e também dos impulsos internos, tendo o mesmo efeito do trauma exercido pelo fator externo.

Pois então quando em situações traumáticas repetir é tentar controlar a situação, preparando o indivíduo a resistir traumas futuros, visto que a angústia lhe auxiliaria a se prevenir em situações semelhantes à do trauma.

Retomando o foco da presente análise, volta-se o interesse ao ato de assistir a um seriado ser definido como "viciante".

As considerações de Giddens (1997, p. 89) permitem pensar que a repetição em sua forma compulsiva seria atualmente característica da sociedade. Aí está a inclinação para a repetição da qual se falou até o presente. Porém, Giddens (1997) destaca que o termo que melhor se enquadra é o de vício.

Conforme Giddens (1997) indica "[...] o vício, antes de ser um fenômeno fisiológico, é um fenômeno social e psicológico" (p. 90). Justapondo os fenômenos dos vícios e da tradição retoma-se as questões da compulsão e das características descritas pelo autor como pós-tradicionais. Em épocas pré-modernas a rotina e a tradição se presentificavam, o que não ocorre em sociedades pós-tradicionais. A rotinização é vazia caso não interligada a um contexto institucional (reflexivo). Não há lógica vista em fazer hoje o que foi feito ontem, essência da tradição. Desta feita "O fato de hoje podermos nos tornar viciados em qualquer coisa- qualquer aspecto ou estilo de vida- indica a real abrangência da dissolução da tradição (devemos acrescentar- e isso não é tão paradoxal quanto parece- "em sua forma tradicional")". (GIDDENS, 1997, p.91)

Embora neste trabalho se considere que o termo "vício" tenha sido utilizado de maneira metafórica pelos entrevistados, ou mesmo não tendo sido este aspecto avaliado neste estudo, considera-se que a palavra não foi citada não em vão. Denuncia primeiramente a banalização do termo diante da prevalência com que se convive com a multiplicação de vícios reais aos mais diversos objetos possíveis (jogos eletrônicos, comida, tóxicos diferentes, sexo, relações interpessoais).

Em segundo lugar, nos mecanismos das forças psíquicas, nas entrelinhas pulsionais acima referidas pode-se tecer algumas conexões. A "compulsão ou vício" (aqui considerado metafórico) de assistir a série pode estar atrelado ao conteúdo por ela veiculado. Este de forma geral envolve situações sem dúvida traumáticas (caos, falta de recursos à sobrevivência, luta contra mortos vivos, conflitos entre o próprio grupo e entre grupos rivais, dentre outros).

Posto tal raciocínio, lança-se a hipótese de que este ato possa ser uma forma inconsciente de identificação[2] com os personagens em questão. Um primeiro passo na tentativa de assimilar, elaborar, se precaver enfim de situações que suplantam o esperado conforme considera Freud a respeito dos sonhos dos neuróticos de guerra. Seria esta uma das sensações prevalentes de forma real na vida dos participantes e tomando-os como ponto de partida, do homem contemporâneo?

Considerando o conteúdo expresso no seriado, retoma-se Freud ([1920], 1996) quando refere que a representação e imitação artística, embora se dirijam a uma audiência, não poupam os expectadores das mais penosas experiências e ao mesmo tempo podem ser sentidas como prazerosas. Isso comprovaria a seu ver que ainda sob dominância do principio do prazer há formas de tornar o que em si mesmo é desagradável num tema a ser relembrado e elaborado na mente, coadunanando assim com a hipótese acima.

Eixo 3: Significado da série

Sobre o significado da série ressaltam ser improvável acontecer *ipsis literis* conforme apresentada a volta dos mortos vivos. Veem o acontecimento como impossível de ocorrer concretamente, indicando de antemão que o sentido expresso no seriado advém do cunho simbólico que comporta. A ênfase foi dada no fato de ser ficção e a atração advinda justamente do fato de poder acontecer na ficção, ou fantasia.

> Mas, eu gosto muito de filmes que tipo, não é o que a gente costuma a conviver, não é tipo uma novela, que não é baseado na vida real, eles inventam coisas que eles acham que pode acontecer, um dia venha acontecer. E os Estados Unidos adoram uma catástrofe, né, eles sempre acabam com algum lugar dos Estados Unidos lá no planeta, sempre tem um terremoto, alguma coisa assim, e nesse caso eles acabaram com a vida humana, né. E a gente ainda não sabe quantas pessoas ainda estão vivas e

[2] Conforme Laplanche e Pontalis (1998, p. 226-230) tal palavra indica um processo pelo qual um sujeito assimila um aspecto, propriedade, atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo deste. Assim se constitui e se diferencia a personalidade. Alguns autores propuseram distinguir o sentido em que se faz a identificação, sendo a idiopática e centrífuga ocorrida quando o sujeito identifica o outro com sua própria pessoa, processo este considerado aqui.

> não sabe até onde essas pessoas vão aguentar, porque uma hora vai acabar tudo, porque não tem nada mais, eles vivem de saquearem as casas a procura de comida e tal, mas se não tem mais comércio, se não tem mais, eh... abastecimento, nada, então vai chegar uma hora que eles não vão ter do que sobreviver.
> (P 4)

Ao mesmo tempo em que se observa uma tendência dos telespectadores em fazer uma leitura racional do significado da série, que garante este lugar do impossível à mesma, alguns fatores podem ser aí destacados. A arte como expressão de conteúdos fantasístico "mediaria" (WILLIANS, 1979) temores ao mesmo tempo em que garante a segurança de fazerem parte de tal espaço, "da fantasia".

Foi ressaltado repetidas vezes que o seriado significaria a luta pela sobrevivência e se salvar deste trágico destino ou possibilidade, o conflito diante da situação de caos, a torcida pela sobrevivência diante deste fato. O foco recai sobre as pessoas, o conflito "humanitário" entre elas e suas tribos. "A família", ou seja, a forma de lutarem em união para poderem sobreviver, formando se vinculando aos demais para este fim.

O momento ser sentido como oportunidade de lazer, distração e estar junto com par afetivo, como significado particular de desfruto de intimidade e entretenimento também foi mencionado.

Eixo 4: O elemento destacado

Sobre o que mais lhes atrai a atenção no seriado, ressaltado foi o fato de que as circunstâncias caóticas os obrigaram a se tornarem uma "família". Desta feita, a união dos personagens como forma de sobrevivência apresentou-se como ponto chave.

> Ah, as pessoas ali elas não tem ninguém, né, então, tipo, se elas não se apoiarem uma com as outras, elas não vão conseguir sobreviver. Então, tipo... eles têm uma... uma amizade ali, uma... eles são uma família, né, mesmo que não seja da mesma família, eles vão encontrando pelo cominho pessoas que formam uma família. Então, eles precisam se proteger, então acho que mais a proteção ali, a amizade que eles conseguem, que eles... que eles têm um com outro. Então, tipo é o que mais chama atenção, porque se você ficar sozinho numa situação daquela, você não consegue sobreviver muito tempo, tipo ali... o conjunto grupo ali, acho que é essencial para eles sobreviverem. É o que mais chama atenção, tipo, o companheirismo, entendeu? (P 5)

Bauman (2004) refere que seria altamente desejável que o parentesco fosse precedido da escolha e que em consequência disto esta se tornasse o que o parentesco já é: indiscutivelmente sólido, confiável, duradouro, indissolúvel. Nos tempos em que os sujeitos são constantemente compelidos a consumirem, as relações amorosas, e enfim, pode-se considerar que os vínculos duradouros em si, vão se esmaecendo, tornando-se líquidos e

fugazes. O participante menciona assim o fato de que diante de circunstâncias catastróficas os vínculos são aproximados como nos de famílias, expressando o desejo de que assim possa ocorrer também na esfera da vida.

O personagem Rick e seu espírito de liderança, sua luta pela sobrevivência do grupo também foram pontos destacados:

> Eu acho que é o espírito de liderança que um deles tem, que é o Rick, né, que se a gente acha assim, que se ele morrer no The Walking Dead, vai acabar, né. Espírito de liderança, ele gosta daquele grupo de pessoas e ele faz de um tudo para aquele grupo sobreviver. (P 4)

Outro participante menciona um teor semelhante ao citado acima ao dizer:

> Ah, na série me chama muita atenção o protagonismo do Rick, a esperança dele querer proteger o filho, do filho dele criar maturidade, de você não ter perspectiva do que o filho dele vai fazer para frente, de que ele um dia vai ter que morrer e o filho vai ter que assumir a vida, se eles vão sobreviver a tudo aquilo que eles estão sofrendo até agora e, acima de tudo, a recém-nascida que está caminhando lá com eles." (P 6)

O personagem Rick, representa a figura do líder. No texto Psicologia do Grupo e a Análise do Eu, Freud nos diz que um indivíduo no grupo está sujeito a alterações em sua atividade mental. Suas emoções são intensificadas e capacidade intelectual reduzida, sendo que num grupo se está mais sujeito às sugestões (identificações) pela necessidade em estar de acordo com os demais do grupo e pelo laço emocional que os une. O mesmo laço, portanto, que os une entre si, para Freud é compartilhado à figura do líder, ou melhor, os demais participantes são investidos de amor por serem também importantes ao líder, inclusive liga-se a este fato a perda de liberdade que a adesão ao grupo impõe. Sua figura é tão importante ao funcionamento grupal, que

> "A perda do líder, num sentido ou noutro, o nascimento de suspeitas sobre ele, trazem a irrupção do pânico, embora o perigo permaneça o mesmo; os laços mútuos entre os membros do grupo via de regra desaparecem ao mesmo tempo em que o laço com seu líder" (FREUD, 1996, p.103).

O lugar inconsciente destinado ao líder, segundo Freud, é o do pai temido, que atende ao desejo de seus participantes de serem governados, o ego destes é então direcionado por alguém que ocupa o lugar de seu ideal de ego.

Guardaria relações o referido acima e o fato de chamar tanta a atenção dos telespectadores o protagonismo e liderança de Rick?

Certamente poder se colocar sob a proteção de um grande “pai” que garante a ordem e relações de união entre os irmãos, ou participantes do grupo, ou mesmo a existência de um grupo, saciaria a descrença em instituições e em figuras que ocupam poder, frequentemente desgastadas e desacreditadas. Porém, tal identificação que exterioriza partes do ideal de eu a um agente externo empobrece o ego do indivíduo e tomando tal assertiva como verdadeira apresentar-se-ia um recurso limitado quanto ao êxito que traria ao psiquismo do sujeito que visa tal adesão.

4.6 Eixo 5: Simbologia do elemento de destaque

Sobre o significado simbólico que atribuem ao que lhes chama atenção mencionam força e poder, domínio das pessoas, como característica americana. Força e esperança e busca de sentido para a vida diante daquelas condições:

> Força, força, poder. Ele me lembra o livro... aquele filme, 'O livro de Eli', que no fundo era uma busca por uma Bíblia, o que eles queriam era o domínio das pessoas. O Rick, ele vem de uma posição que é característica americana que é militar, ele já é militar, então você tem ali a primeira relação de poder é força, se ela não é econômica ela é força. [...] E... e estratégica, porque é ele que monta a estratégia, como entrar, "dois vai entrar nessa casa, vai para aquele lado e eu com o meu filho vamos para esse", é estratégica. E... então, para mim... principalmente força. (p 6)

Aqui, portanto, retoma-se a figura do líder e seus correlatos. Pode-se pensar conforme considera Birman (1997, p.122) na figuração do governante, caracterizado no discurso freudiano como sendo o líder, possuindo o carisma como atributo fundamental para propor um ideal e uma proposta identificatória às demais individualidades, se diferenciando então destas. Entretanto, esse centro é também a figuração do lugar máximo de poder, mediado através da figura do governante, o lugar do Estado e da figura mítica do pai.

Portanto governar depende da capacidade do líder/Estado manejar as satisfações possíveis dos impulsos pulsionais dos membros ao mesmo tempo em que os limita. O espaço social funciona mediante a permanente construção e desconstrução do mesmo, a fim de que via governantes/líder/Estado seja realizada a mediação entre singularidades e seus desejos e uma união possível que requer que cada um sacrifique seus desejos egoístas, conforme apontou Freud ([1930] 1929) em O mal estar da civilização. O espaço social seria o espaço simbólico de tal mediação.

Levando-se em conta o sistema vigente que impulsiona o consumo com a promessa de gozo, gozo que obedece a lógica do desgoverno, puro e simples ato de consumo sem mediação em pauta... Bem, diante de tal consideração o princípio mediador proposto pelos

autores se torna falho, ameaçando de morte a própria sociedade. Diante disto, torna-se lícito pensar em uma possiblidade de caos real ameaçando, fronteiras sociais, e quiçá internas dos indivíduos, beirando o caos psíquico.

Eixo 6: Sociedade Contemporânea

O dado que mais se evidenciou nos discursos dos participantes foi o individualismo exacerbado que observam.

Segundo Birman (1997) Ocidente construiu uma forma de ser da subjetividade, desde o século XVII voltada ao individualismo. As questões voltadas às relações entre o eu e o outro deixam de se colocar, se acomodando em segundo plano no projeto pós-moderno. Em face disso as ideias ligadas aos laços sociais e inter-humanos perdem em qualidade e quantidade, se esvaindo progressivamente na cultura do narcisismo.

Neste sentido Bauman (2004) menciona que nos relacionamentos afetivos atuais por vezes é difícil discernir o que seja amor ao outro ou a si mesmo, visando enaltecer o narcisismo do sujeito em questão.

Para Coutinho e Garcia (2004), o processo de solidificação do individualismo no Ocidente atingiu um grau representado pela figura do indivíduo errante, que busca liberdade e autonomia, guiada pelas exigências da funcionalidade, do desempenho e da eficiência que se transformaram em ideais sociais.

> "O excesso de estimulação a que está constantemente submetido e a fragilização dos suportes simbólicos identitários, que sustentavam a trajetória existencial de seus antepassados, resultam em uma experiência de intensa incerteza e imprevisibilidade, tantas vezes associada a situações de fracasso e frustração. Incitado a assumir total responsabilidade por sua vida, na falta de suportes tradicionais religiosos, institucionais ou mesmo familiares, e confrontado com a exigência do rendimento e do sucesso, o indivíduo entra em colapso. A conseqüência subjetiva desse estado de coisas apresenta-se sob a forma do desamparo. (COUTINHO e GARCIA, 2004, s/p)

Para tais autoras em decorrência de tal processo vivências subjetivas e adoecimentos psíquicos na forma de pânico e depressões estariam atrelados a tal fator, pois a base dos mesmos se ancora no dito desamparo. Birman (1997) reafirma tal ideação relacionando tais patologias ao novo universo subjetivo da pós-modernidade, como contrapontos da cultura do narcisismo.

Rottenberg (2014), estudioso em psicopatologia, em entrevista à Revista Istoé, ao discorrer sobre o aumento dos índices de depressão na sociedade contemporânea, apesar dos avanços da medicina, reforça que a cultura fomenta tal realidade. O estilo de vida e a

necessidade constante de que as pessoas se mostrem felizes contribuem diretamente para tal epidemia.

A sensação de que se vive em um contexto de individualismo pode ser exemplificada na fala abaixo:

> Eu acho que ninguém... a maioria da população não se importa com nada, com ninguém, com o próximo. Eu acho que cada um por si hoje em dia. Eh... não sei explicar profundamente, mas eu acho que a gente vive um momento de crise interior. Interior com o próximo, acho que cada um tem o seu canto, cada um querendo resolver sua vida e que se dane o resto. (P 2)

Para Fortes (2009) a partir da constatação da diminuição do campo da alteridade, das preocupações com demais, há a indicação da fragilidade dos laços sociais na contemporaneidade. O que se apresenta ao sujeito no campo da alteridade é limitado e empobrecido, conduzindo ao recrudescimento do gozo solitário.

Associados a tais fatores foram citadas as desigualdades e exclusões sociais crescentes, a falência das políticas públicas em diversas áreas como proteção social, desenvolvimento, a crise da energia, falta de mão de obra qualificada, educação sem qualidade principalmente no Estado de São Paulo:

> (...) A desigualdade ajuda muito nisso, então cria um grupo – castas –, onde cada um vive do seu lado ali, tentando fazer o seu melhor, mas sem se importar muito com os outros. E como o exemplo vem de cima, quem entre aspas comanda o país, aí fica complicado. Se você tem um exemplo ruim de quem te comanda, você não vai ter como fazer uma coisa diferente disso. (P 2)

> [...]Eu vejo o seriado 'The Walking Dead' muito associado com a miséria do país. [...] Eu... não... não vejo distribuição de renda de forma nenhuma, o cara que está morando na Zona Leste de São Paulo ele conseguiu ter a TV igual a do rico, ele conseguiu ter o carro igual a do rico, ele conseguiu vestir a 'Tommy' que o rico usa, o 'Brooksfield' que o rico usa, ele conseguiu estar com a 'Ralph Lauren' que o rico usa, mas ele continua morando lá, ele continua pagando juros, ele continua dividindo parcelas, nós conseguimos ter uma miséria no Brasil, uma miséria fantasiada pelo consumo, você não tem um... uma perspectiva daquele cara que comprou um carro de 100 mil reais que mora na Zona Leste com perspectiva de continuidade de educação. Eu vejo, por exemplo, eu estive em uma inauguração de fábrica de cultura, foi um canibalismo, tipo é uma coisa demagoga que existe no estado, o estado não está presente em tudo isso. E esses canibais, esse povo, eles estão fantasiados em um consumo tonto, porque eu vejo as manifestações de 2013, elas foram decisivas, mas não tinha pobre. Você tinha uma classe média alta, você tinha uma movimentação, uma manifestação baseada de pessoas que têm acesso à internet, é isso que você tinha. Agora, cadê o pobre? Cadê o miserável? Esses continuam... continuam... (P6)

Em relação a esta assertiva pode-se considerar que

> “Em uma cultura caracterizada pela hegemonia maciça da ciência e tecnologia, regulada pela força brutal do mercado e do lucro, um mercado que promete

> ilusoriamente a realização de qualquer tipo de desejo, e que, nas sociedades periféricas do capitalismo globalizado, tem buscado fisgar nas suas redes até mesmo o consumidor de classe E, parece fazer muito sentido a sugestão lacaniana de que um dos aspectos do gozo se encontra no consumo pelo consumo. (SANTAELLA, 2006, p.146)

O individualismo conforme já mencionado, perpassou de forma ampla as respostas dadas e as relações sociais, oriundas das desigualdades também fora abarcadas como interligadas a tal individualismo. Fortes (2009) refere que se vive um mundo dominado pela iniciativa individual, calcada no fortalecimento do privado em detrimento da esfera pública. O individualismo seria o grande adversário da cidadania.

Eixo 7: Relação entre sociedade ocidental contemporânea e simbologia referida

Houve homogeneidade em reconhecerem afirmativamente tal correlação. A temática do fim do mundo, contemplando situações caóticas e incontroláveis geradoras de stress, de certa forma se apresentam na vida cotidiana dos moradores de grandes cidades, a exemplo da fala abaixo:

> Sim. No momento de estresse ou qualquer coisa que aconteça num momento de autodefesa, de tolerância zero, de não ter paciência com nada, eu acho que tem esse lado. Lá é uma questão de sobrevivência e a questão de não confiar em ninguém que você encontra perambulando pelar rua, com medo de que essa pessoa possa ser um assassino. Eu acho que a sociedade nossa tem um pouquinho desse lado, porque no trânsito você fechou alguém, é capaz de alguém sair do carro e te matar. [...] Então, ali, acho que existe muito assim, um estresse. Que qualquer um pode ser seu inimigo, qualquer um pode te dar uma facada pelas costas. Nesse ponto, isso tem um pouquinho de relação, sim. (P 2)

A necessidade do endurecimento (fortalecimento de atitudes individualistas) como meio defensivo e a alusão a eventos catastróficos também se evidenciaram:

> Eu acho, eu acho que está acontecendo isso, tipo, não só com a falta d'água, mas é o 'estresse' diário de ter que todo dia trabalhar, pegar duas horas de trânsito, é a falta d'água, é sei lá... quando teve a crise da ebola na África, tipo beleza, foi notícia no mundo inteiro? Foi. Mas, ninguém fez nada para lidar com... tipo nada para impedir isso, ninguém... hoje nem se fala mais no ebola, sabe? Morreu aquele tanto de gente lá na África, "f..., não chegou no meu país, se chegasse no meu país eu ia ficar preocupada por mim", entendeu? Que mais? É uma epidemia que podia matar o mundo inteiro, tipo, as pessoas simplesmente falam, "f..., não é problema meu porque não está comigo agora, quando for talvez eu me importe um pouco". (P 4)

A inapetência quanto aos problemas alheios foi novamente mencionada, retomando os já mencionados aspectos do individualismo. Para Birman (1997) em sua análise sobre o filme "Denise está chamando" torna-se patente neste o que a cultura que prevê o individualismo e

culto da imagem busca, ou seja, os objetivos do eu como ocupação fundamental da vida, sem dar importância ao outro. A carreira é mais importante e questões como afeto, amor e desejo passam a não ter relevância, pois o investimento no outro interessa na medida em que implica retorno de investimento a si. (BAUMAN, 2004; BIRMAN, 1997)

> Pode-se então perceber que o outro não é propriamente um outro, no sentido de que isso implica uma marca de diferença absoluta em relação a qualquer sujeito. Na cultura do narcisismo, o outro só interessa ao indivíduo na medida em que a diferença é abolida e que este outro possa maximizar o emblema do eu e da identidade do indivíduo. Desse modo, não existe qualquer possibilidade de se instituir o sujeito da diferença e mesmo o sujeito do desejo, pois para tal é preciso se instituírem e serem reconhecidas as experiências da intersubjetividade e da alteridade, sem as quais aqueles estão impossibilitados de se constituir. (BIRMAN, 1997, p.228-229)

A volta a si próprio apenas, abolindo o sujeito desejante assemelha-se a algo que se movimenta sem saber qual direção há em sua busca, algo voraz ao mesmo tempo em que tem morta parte importante de seu ser, a saber, o desejo. Seriam tais criaturas semelhantes a zumbis?

Considerações finais

Os dados apresentados estão no início de suas análises, por este motivo estas estarem incompletas. Apesar deste fato, alguns fatores se evidenciaram como importantes indicativos. O primeiro deles sem dúvida compete ao fato de que se pode pensar haver uma relação entre a simbologia do seriado T.W.D. e a sociedade ocidental contemporânea.

As dificuldades que se apresentam no cotidiano contemporâneo como situações de imprevisibilidade que perpassam desde o saneamento básico (falta dàgua) à dependência de transporte público ou privado, questões de saúde, violência urbana, entre outros fatores citados, evocam sensações caóticas de “final dos tempos”. As relações humanas se mostram afetadas em posturas mais direcionadas ao próprio bem estar, cada vez mais individualistas frutos do contexto consumista e interligadas a sofrimentos psíquicos prevalentes.

Referências

ABECHE, R. P. C. Subjetividade e Mídia: a força destrutiva dos modelos identificatório contemporâneos. In: CANIATO, A. M. P.; _____ (Orgs.). **Psicanálise, Teoria Crítica e Cultura:** uma leitura psicopolítica da subjetividade contemporânea. Maringá: Eduem, 2013, p.158 – 175.

BAUMAN, Z. **Amor líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BIRMAM, J. **As puslões e seus destinos:** do corporal ao psíquico. Rio de Janiero: Civilização brasileira, 2009.

_____. **Estilo e modernidade em psicanálise.** São Paulo: Editora 34, 1997.

BRANDALISE, C. A busca da felicidade nos deixa depressivos. **Revista Istoé**, São Paulo, ed. 2317, p. 8 - 10, 23 Abr. 2014.

BRASILEIRO, B. The Walking Dead chegou a 28 milhões de telespectadores em soma de plataformas. **Minha série,** 05 Jun. 2014. Disponível em: <http://www.minhaserie.com.br/novidades/17287-the-walking-dead-chegou-a-28-milhoes-de-telespectadores-em-soma-de-plataforma>. Acesso em 03 Jul. 2014.

CAVALCANTI, L. B. A lógica da espera. **A mente do bebê:** o fascinante processo de formação do cérebro e da personalidade, São Paulo, n. 2, p. 06-13, 2006.

COUTINHO, L.G.; GARCIA, C. A. Novos rumos do individualismo e o desamparo do sujeito contemporâneo. **Psyque**, v.8, n. 13, São Paulo, Jun. 2004.

CORSO, M. A invasão zumbi: Zumbi, você ainda vai ser um... na melhor das hipóteses. **Psicanálise na vida cotidiana.** 29 Jun. 2013. Disponível em: <www.marioedianacorso.br>. Acesso em: 04 Jul. 2014.

DANA, L. Veja 12 curiosidades sobre a saga The Walking Dead. **Super Interessante.** s/d. Disponível em: <http://super.abril.com.br/galerias-fotos/veja-12-curiosidades-saga-the-walking-dead-701432.shtml#0>. Acesso em 24 Jun. 2014.

DUDOVICK, E. Desejo materno como inscrição no corpo infantil. In: WINTER, R. R.; DUDOVICK, E. (Orgs). **Maternagem:** uma intervenção preventiva em saúde; abordagem psicossomática. Casa do Psicólogo: São Paulo, 2004, p. 21- 24.

DUNKER, C. I. L. O nascimento do sujeito. **A mente do bebê:** o fascinante processo de formação do cérebro e da personalidade, São Paulo, n. 2, p. 14-25, 2006.

FELIPE, F. C. Um estudo sobre a poética e a convergência de mídias na série The Walking Dead: análise a partir dos estudos culturais de identidade, mídia e representação do “outro” no mundo globalizado. **Revista Eletrônica de Educação da Faculdade Araguaia**, v.5, 96-103, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Giu/Downloads/192-388-1-SM%20(1).pdf >. Acesso em: 03 Jul. 2014.

FREUD, S. O mal estar na civilização. [1930] In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, S. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. [1921] In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, S. Além do princípio do prazer. [1920] In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FORTES, I. A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo. **Revista mal-estar e subjetividade**, v. 9, n.4, Fortaleza, CE, dez 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482009000400004&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 jul. 2015.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente.** 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós- tradicional. In: LASH, S.; GIDDENS, A.; BECK, U. **Modernização reflexiva***:* política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997, p.73- 131.

_____. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário da Psicanálise:** Laplanche e Pontalis. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MANZINI, E. J. Entrevista Semiestruturada: analise de objetivos e roteiros. **Revista Eletrônica de Pós Graduados em Sociologia Politica da UFSC (Santa Catarina).** Disponível em:<http://www.sepq.org.br/IIsipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>. Acesso em 28 Jun. 2014.

NOBRE, C.; INOCENCIO, L. Estratégias criativas do campo de batalha para o cotidiano: o marketing de guerrilha e o case The Walking Dead. In: Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação- XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza, CE. 3 a 7 set. 2012, p. 1 a 15. Disponível em: < http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-2432-1.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2014.

SAROLDI, N. Notas sobre a indústria cultura e a sociedade excitada. In: V Seminário Internacional: políticas culturais. 2014, Rio de Janeiro. **Artigo.** s/l.

SANTAELLA, L. O corpo como sintoma da cultura. **Comunicação, mídia e consumo**: Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, v. 1, n. 2, p.139 - 157, nov. 2004.

SEDGWICK, P.; EDGAR, A. (Orgs). **Teoria Cultural de A a Z:** conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo. São Paulo: Contexto, 2003.

SPITZ, R. A. **O primeiro ano de vida.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STRAUSS, C. L. **Antropologia Estrutural**. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

TELES, D. C. G. O lugar do protagonista na narrativa transmídia. In: XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro Oeste, 2013, Rio Verde. **Artigo.** s/l, Intercom, 2013, p. 1- 13. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2013/resumos/R36-0542-1.pdf>. Acesso em: 06 Jul. 2014.

WILLIANS, R. **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.